

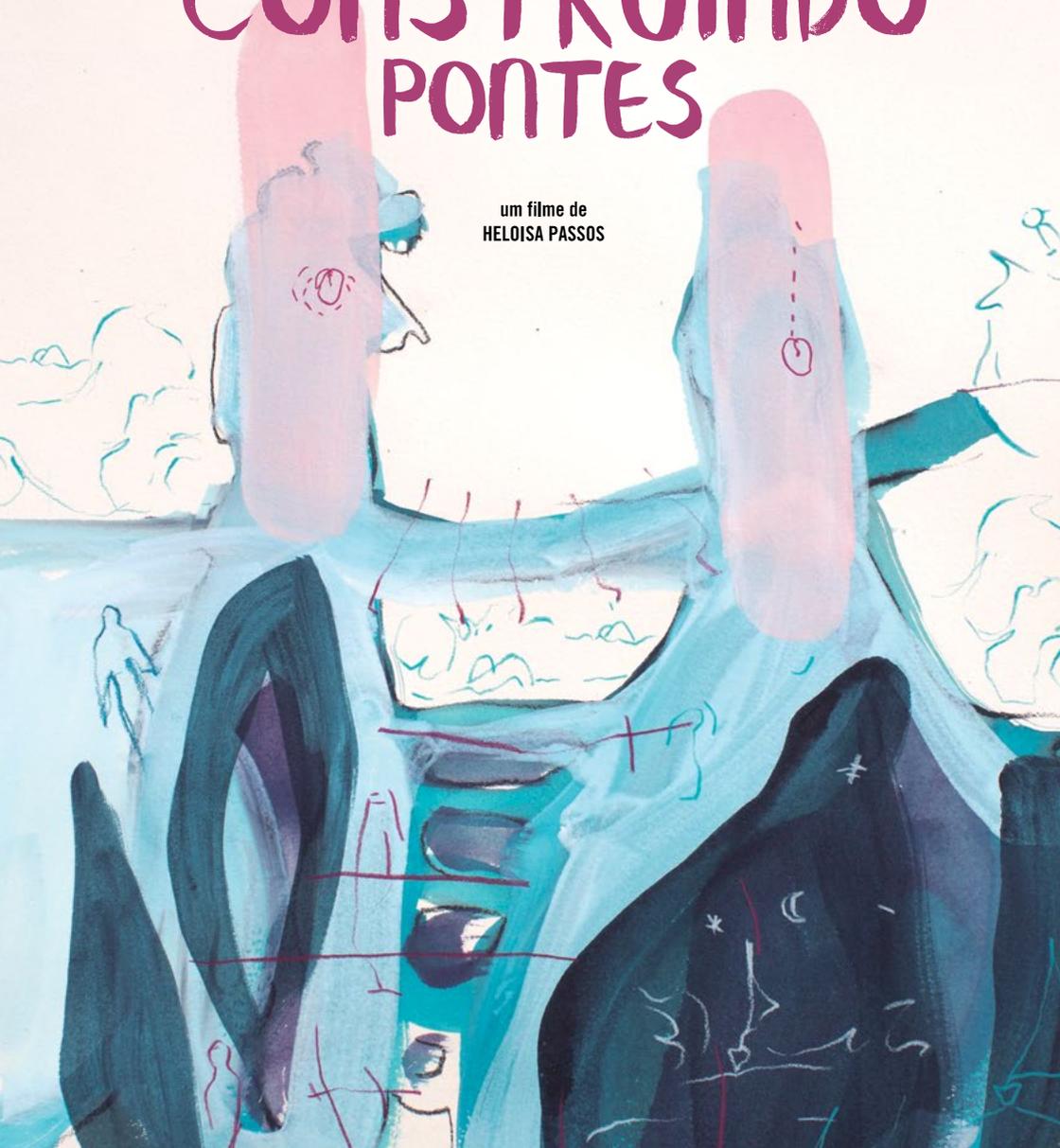
41ª MOSTRA
INTERNACIONAL
DE CINEMA SÃO PAULO
INTERNATIONAL
FILM FESTIVAL

Official Selection
idfa 2017

50°
FESTIVAL
DE BRASÍLIA
DO CINEMA
BRASILEIRO

CONSTRUINDO PONTES

um filme de
HELOISA PASSOS





CONSTRUINDO PONTES

BRASIL, 2017, 73min.

com **Álvaro Passos e Heloisa Passos**

dirigido por **Heloisa Passos**

produção executiva **Luciane Passos**

produção **Tina Hardy e Heloisa Passos**

roteiro por **Leticia Simões, Stefanie Kremser e Heloisa Passos**

edição **Tina Hardy e Isabela Monteiro de Castro**

direção de fotografia **Heloisa Passos**

som direto **Elenton Zanoni e Valéria Ferro**

desenho de som **Beto Ferraz**

mixagem **André Tadeu**

trilha original **BiD e Beto Ferraz**

coordenação de pós-produção **Laura Futuro**

pesquisa **Antônio Venâncio**

colaboração de roteiro **Daniela Capelato e Fernando Kinas**

consultoria de montagem **Karim Ainouz e Marta Andreu**

pintura do cartaz **Janaina Tschäpe**

SINOPSE

Construindo Pontes é um filme que não distingue a política da vida. O filme parte da relação entre um pai engenheiro e uma filha cineasta para questionar a trajetória política do Brasil. Com base em imagens familiares, ela procura conhecer melhor o pai e isso os leva a discussões muitas vezes acaloradas e carregadas de emoção. Projeções, mapas e fotos são usados como primeiras pontes para se chegar ao passado. Entretanto, é o inevitável presente que golpeia Álvaro e Heloisa quando, diante da conturbada situação política do Brasil de hoje, eles estão em lados opostos. Através de suas perspectivas distintas, compreendem a complexidade da relação.

As reminiscências são como a chegada inesperada de um trem: quando o forte tremor nos obriga a movimentar-nos para vislumbrar, mesmo no escuro, um outro horizonte.

NOTA DA DIRETORA

O cerne do filme são as conversas que traço com o meu pai nos dias de hoje. A destruição e a construção que explodem em sonhos passados e futuros representam a fluidez e a estagnação da memória. Em busca de uma relação possível com ele, proponho idas ao passado através de projeções de fotos e filmes. Em jantares, na conversa cotidiana, entrelaçamos mundos, ora próximos, ora distantes. Mas o presente mostra suas garras: na televisão, o único tema é a perturbadora situação política do meu país que, menos de 30 anos depois do fim da ditadura, novamente tem o seu processo democrático sob risco. Esta, no entanto, é a minha visão. Para o meu pai, o futuro do Brasil está ligado a uma política autoritária. Proponho uma viagem, só nós dois. As fronteiras entre diretora e personagem foram borradas, estamos, ambos, pela primeira vez, abertos ao inesperado da vida — esta que, por algumas vezes, consegue ser mais inacreditável que a ficção.





DIRETORA

Heloisa Passos é produtora, diretora e premiada diretora de fotografia. É Membro da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos. Como diretora de fotografia, foi premiada no Festival de Cinema do Rio com os longas “Viajo porque preciso, volto porque te amo” e “Mulher do Pai”. Com os curtas “Areia” e o “O fim do ciúme”, levou prêmios no Festival de Cinema de Gramado, e, com “Manda Bala”, no Sundance Film Festival. Dirigiu diversos curtas metragens, entre eles, “Viva Volta”, melhor direção no Cine Ceará e Grande Prêmio Canal Brasil de curta- metragem. Realizou a direção geral da série Caminhos, prêmio TAL de melhor série de TV da América Latina, 2013. Dirigiu dois curtas para a plataforma Field of Vision / The Intercept. “Construindo Pontes”, seu primeiro longa metragem como diretora, recebeu o prêmio Marco Antônio Guimarães no 50º Festival de Brasília de Cinema Brasileiro e estreou internacionalmente no IDFA, considerado o maior festival de documentários do mundo.



ENTREVISTA

Entrevista concedida para Ana Paula Sousa, 20 de outubro de 2017 na Mostra Internacional de Cinema de São Paulo.

A primeira pergunta é, inevitavelmente, sobre o que a motivou a fazer o filme. Em que momento e por que razão você decidiu encarar e contar essa história?

O primeiro material que me emocionou para pensar na possibilidade de um filme foi o contato com uma memória de um lugar que eu não conheci presencialmente. Estou falando das Sete Quedas, as muitas cachoeiras que hoje estão embaixo do Rio Paraná. Tenho uma memória desse lugar, guardo até hoje comigo um postal que meu tio-avô me deu. Ele foi visitar esse lugar porque sabia que as cachoeiras iriam desaparecer.

Quando ganhei de presente uma coleção de rolinhos super-8 com imagens das Sete Quedas, me conectei com uma memória afetiva da minha infância, então busquei o meu pai para fazer o filme comigo.

Eu imagino que o seu principal desafio tenha sido lidar com as afetividades envolvidas e com as diferentes linhas narrativas possíveis - os temas, afinal de contas, são muitos, apesar de o tema de fundo ser a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. Gostaria que você nos contasse um pouco como lidou com esses desafios e como foi enxergando os caminhos do filme.

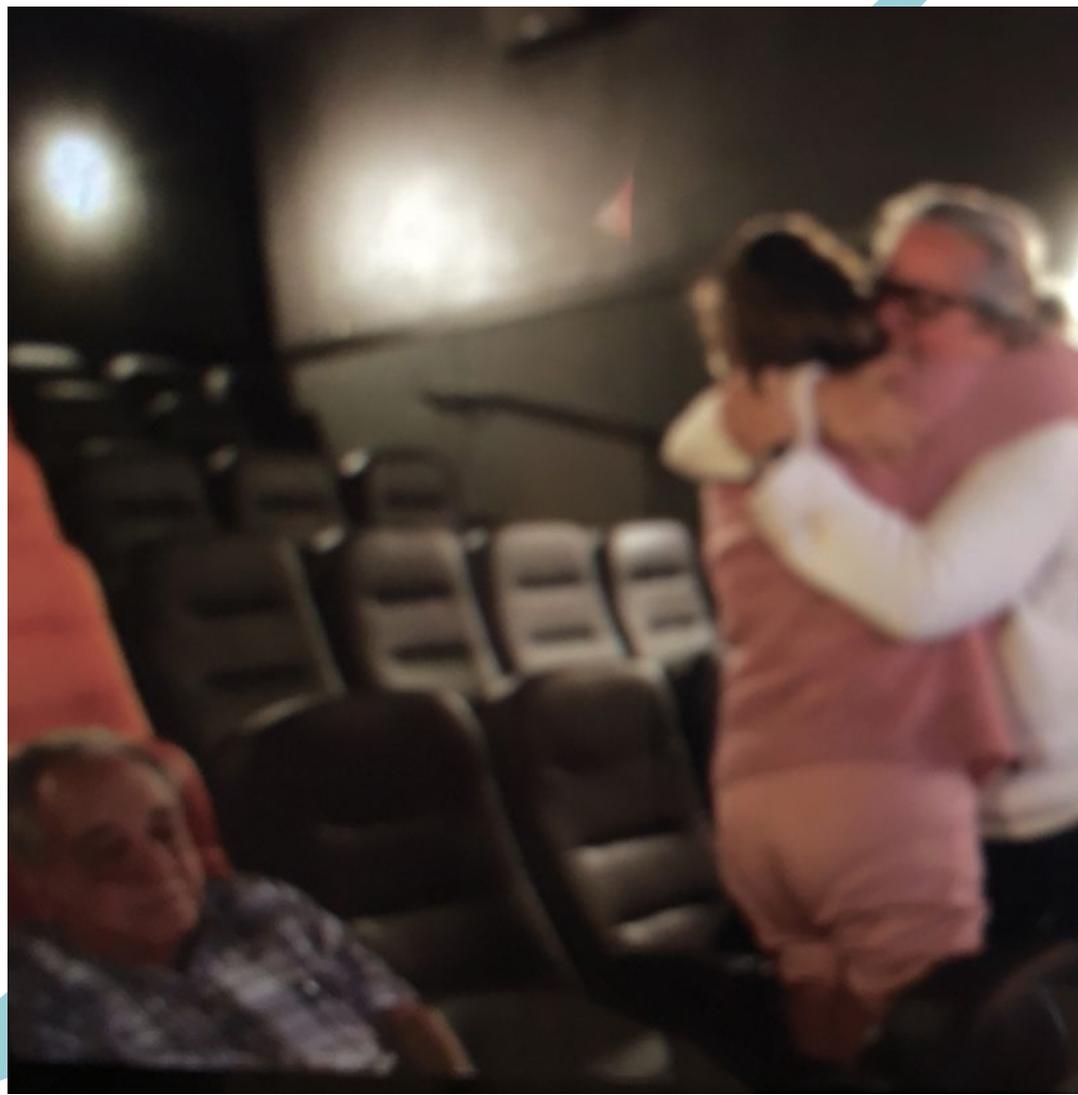
O caminho do filme é uma longa estrada, foi construída com uma turma que eu chamo, mulheres da pesada. Tive parceiras deste os primeiros passos, a Daniela Capelato e a Tina Hardy estão desde 2010 comigo. A Dani, como consultora de roteiro e a Tina, produtora criativa e depois se tornou a montadora do filme junto com Isabela Monteiro de Castro. Depois entrou a Stefanie Kremser, Leticia Simões e Luciane Passos.

Passamos um bom tempo pensando em como entrelaçar memórias históricas, memórias afetivas e as memórias inventadas. Iniciamos um ciclo de conversas que persiste até hoje entre nós, no filme, fora do filme e espero que além do filme. Como fazer que a vida de personagens quaisquer se confunda com os destinos pessoais e a “memória do mundo”?

Em 2016, foi o ano que filmei os meus encontros com o meu pai e neste mesmo ano a nossa Presidenta foi impedida de governar o país. Os temas atuais foram jorrando no dia a dia das filmagens em Curitiba, me senti dentro de uma das cachoeiras submersas. Passei muito tempo sem entender que filme estava fazendo. Foi um processo longo medir os diferentes temas e assumir o coração de CONSTRUINDO PONTES. A partir do momento que entendi que o norte do filme é a relação entre o pai e a filha, as coisas ganharam mais sentido e uma identidade clara para mim.

Você, como fotógrafa, tem uma trajetória muito ligada ao documentário. Ao contrário da ficção, em que há um mundo a ser construído, no documentário o mundo já está lá. O que você busca ao fotografar um documentário? E quais foram as suas inspirações e referências para fazer a fotografia de Construindo Pontes?

O meu olhar contemplativo e ao mesmo tempo atento para o improvisado está muito presente nas ficções que eu fotografo. A elaboração do



quadro, o estudo de decupagem de um filme dramático também está muito presente nos documentários que eu fotografo.

Decidi filmar na casa do meu pai sem uma equipe, comecei filmando uma série de projeções de slide, de super-8 e de vídeos na parede da sala de estar da casa dele. Foi importante ter pensado na geografia do espaço e nas questões técnicas para poder estar aberta ao que acontecesse. Esse domínio me deu segurança para filmar o inesperado como por exemplo a sequência do Jornal Nacional.

Também, fiz o mesmo estudo para a viagem no

carro, para esta sequência resgatei dois filmes que existem diálogos longos no carro como: Close-up e Era uma vez na Anatólia.

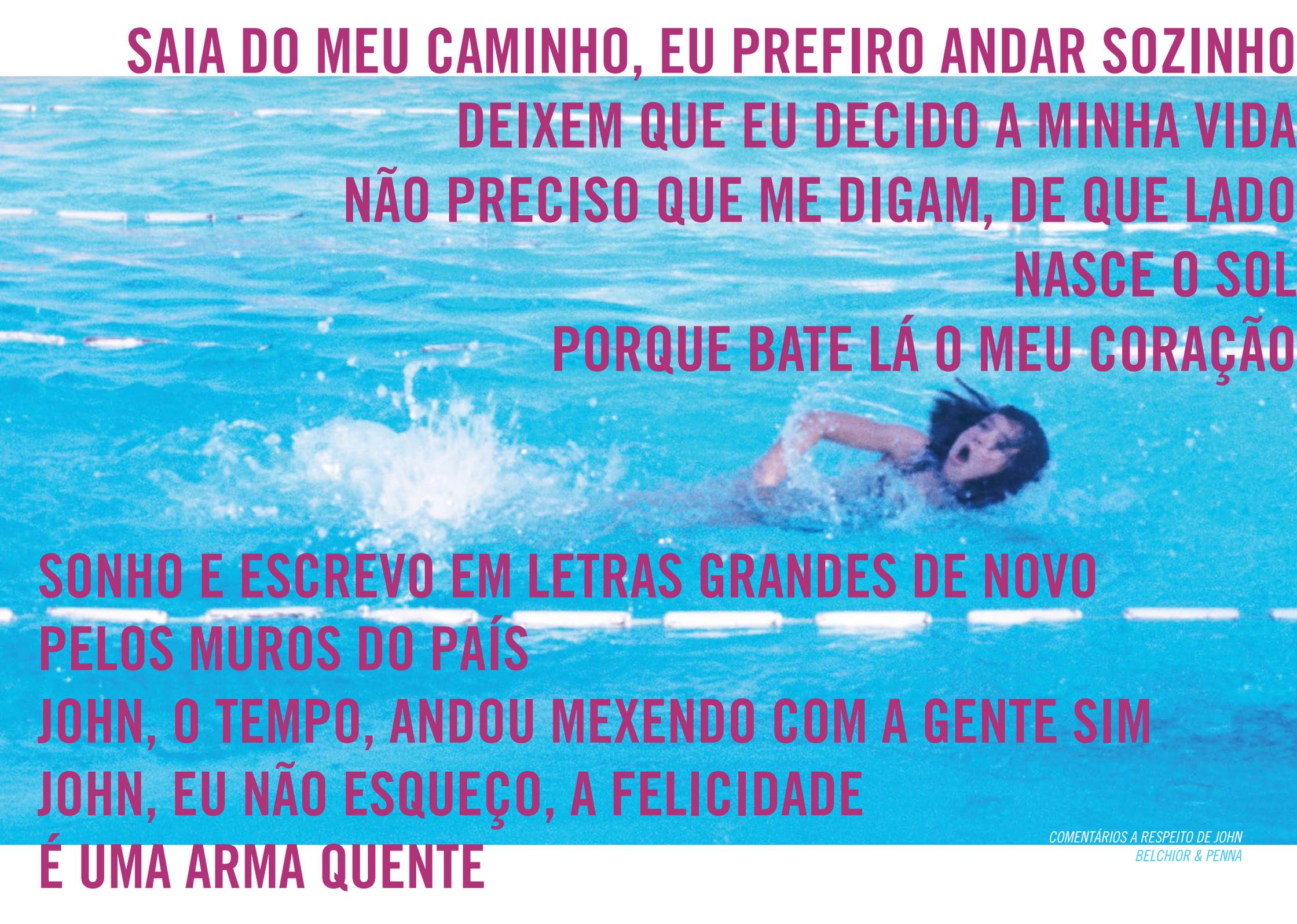
Em Construindo Pontes primeiro busquei referências narrativas de mulheres brasileiras filmando seus pais. Depois busquei filmes que trabalham o afeto familiar com diretores brasileiros como o curta “Seams” de Karim Aïnouz. Segui a pesquisa passeando por sequências subjetivas nas Cataratas do Iguaçu em “Happy Together” e no grandioso filme de Jia Zhangke, “Em busca da vida”. Depois fiz uma oficina com a Lucrecia Martel e ela chegou para mim e falou: deixa de lado todas essas referências e faz seu filme.

Para finalizar, uma pergunta de ordem pessoal: como o seu pai e sua família têm reagido agora que o filme começou a circular?

Depois de estrear no Festival de Brasília fiz uma sessão do filme em Curitiba, minha cidade natal, numa sala de cinema para meu pai, irmã e mãe. Emocionado meu pai disse: minha filha esse filme não pode ser taxado como um documentário é mais do que isso, é uma história familiar. Achei que você não ia conseguir mas você conseguiu. Não tem vencedor e nem perdedor, Esse filme é uma passagem.

Minha irmã é produtora executiva do filme, minha mãe faz participação especial no filme. Elas participaram desta jornada toda comigo. Eu e minha família estamos confortáveis para lançar o filme nas salas de cinema ano que vem. Você deve estar pensando o quanto eu, meu pai e minha família estão expostas neste filme, não?

O que eu sei é que preciso ter coragem para fazer filmes pessoais, e neste momento é preciso ter mais coragem para mudar esse retrocesso imposto neste país Brasil e neste mundo.

A woman with dark hair is swimming in a pool, creating a splash of white water. The background is a clear blue pool with lane lines. The text is overlaid in a bold, pink font.

**SAIA DO MEU CAMINHO, EU PREFIRO ANDAR SOZINHO
DEIXEM QUE EU DECIDO A MINHA VIDA
NÃO PRECISO QUE ME DIGAM, DE QUE LADO
NASCE O SOL
PORQUE BATE LÁ O MEU CORAÇÃO**

**SONHO E ESCREVO EM LETRAS GRANDES DE NOVO
PELOS MUROS DO PAÍS**

**JOHN, O TEMPO, ANDOU MEXENDO COM A GENTE SIM
JOHN, EU NÃO ESQUEÇO, A FELICIDADE
É UMA ARMA QUENTE**

*COMENTÁRIOS A RESPEITO DE JOHN
BELCHIOR & PENNA*

Quando decidimos fazer Construindo Pontes nosso maior desafio era fazer com que um filme pessoal se convertesse em um experiência coletiva. Estamos vivendo, no Brasil de hoje, um momento extremamente turbulento politicamente e a polarização tomou conta do nosso país, inclusive nas relações familiares. Ao nos debruçarmos sobre a relação de Heloisa e seu pai, entendemos que, através dos afetos, podemos compartilhar o aprendizado do diálogo e exercitar cotidianamente a prática da democracia. Construindo Pontes nos faz descobrir que ao nos expressarmos em nossas individualidades também nos expressamos em nossas semelhanças e pluralidade enquanto indivíduos de determinada sociedade, e isto converte este filme em uma experiência enriquecedora. Heloisa e Álvaro nos fazem entender que ao tentarmos construir pontes com aqueles que pensam diferente de nós estamos abrindo os caminhos para um horizonte com menos conflitos e isto é o que me faz acreditar na universalidade deste filme.

Tina Hardy

Quando um filme consegue ser mais que um filme nos damos conta do verdadeiro valor da criação: “Construindo Pontes” mostra o cinema enquanto resultado de uma necessidade imperiosa de entender como e por que a vida caminhou e o que está resultando dessa caminhada. Em um país que está atravessando turbulências e em um mundo de plenas turbulências, aproximar-se ao pai e perguntar “por quê?” ou “como” pode ser um ato quase especular e, sem dúvidas, carregado de alguma lógica. Quando este pai representa aquilo que dói e, inclusive, repele, esta aproximação se converte em um ato complexo, contraditório, cáustico, absolutamente responsável e inevitavelmente pleno de amor. Heloisa faz desse encontro um lugar para o questionamento histórico, político e pessoal; um lugar também para a discussão, o humor, o distanciamento e a reconciliação. Quando se consegue que um espaço íntimo susurre e, ao mesmo tempo, adquira proporções quase épicas, nos vemos convidados a estar não somente diante de um Filme como também diante de um espelho. Gesto imprescindível. Hoje e sempre.

Marta Andreu

DEPOIMENTOS

CONSTRUINDO PONTES foi um presente de coragem, uma responsabilidade para o amor e um exercício de escrita no tempo. O contra-baixista Ron Carter dizia que sua função no quinteto de Miles Davis era tocar a nota que impedisse os outros músicos de tocar o preparado, obrigando-os a seguir um caminho inesperado. Pois o processo deste filme foi soar esta nota do acaso, nos convidando a nos reavaliar enquanto escritoras, cineastas, filhas, brasileiras. Encontrar um lugar no mundo é tarefa árdua; Heloisa construiu o seu próprio. Confrontar a sua trajetória com a do seu pai (e, não por menos, com a do nosso país) é dar um salto para dentro - ela que foi uma criança jóquei e hoje é uma mulher-cavalo, em sua firmeza e honestidade. Se verdade é beleza e beleza é verdade - e nada mais existe - CONSTRUINDO PONTES é o baile destes laços fundamentais à vida.

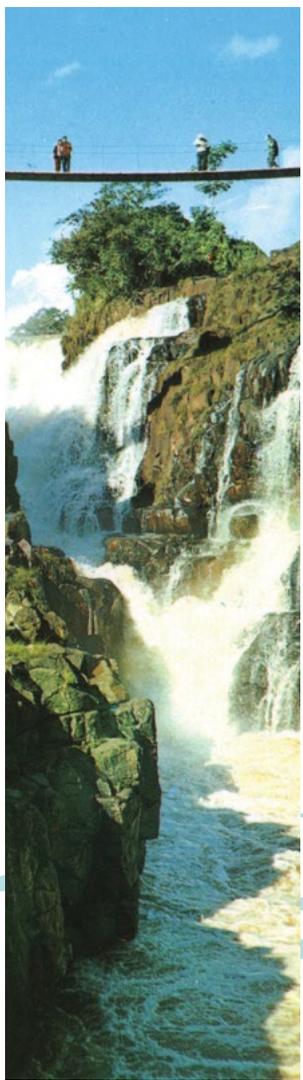
Heloisa e eu temos a mesma idade e assim como o dela, o meu pai também foi engenheiro durante a ditadura civil militar brasileira. Crescemos de formas muito parecidas, num momento cercado de autoritarismo. Aprendemos a entender o que é o político através das relações pessoais. CONSTRUINDO PONTES percorre esses caminhos entrelaçados: o do pessoal e o do político, retrata uma família e um país através da relação entre um pai e sua filha, um debate cinematográfico, poético e amorosamente bélico.

Stefanie Kremser

Trocar, dialogar com outro, sem superioridade - ou inferioridade, pode ser uma tarefa árdua, ainda mais quando se trata de relações familiares. O original “Construindo Pontes”, de Heloisa Passos abre a possibilidade para os não-ditos de serem ditos, traz à tona as cascatas encobertas pelo próprio fluido de que são feitas, quando estancado o fluxo. Pai e filha, mais próximos do que nunca, pai e filha que foram já tão distantes, se aproximam. Um filme sobre uma experiência familiar tão íntima mas que consegue trazer à superfície, cheio de afeto, a crise em que nos encontramos hoje no Brasil. Um olhar singular para o passado, para o tempo da terrível ditadura militar pela qual passamos, para podermos compreender o presente e a crise que nos afoga hoje. Fazer isso, através do relato de re-aproximação de pai e filha é um hino à tolerância em um momento em que a intolerância parece querer falar mais alto. Lembranças e vivências que abrem a possibilidade do diálogo quando esse parece improvável, e apontam o horizonte de um diálogo possível, cheio de afeto e surpresas. Viva as pontes!

Karim Aïnouz





NADA PODE
PARAR O
PROGRESSO





MAQUINA FILMES

A Maquina Filmes tem como principal objetivo contribuir para a produção contemporânea com criatividade e responsabilidade. É produtora de vários curtas que participaram de festivais ao redor do mundo, tais como: New York Film Festival, Uppsala International Short Film Festival, É Tudo Verdade, Mostra Internacional de Cinema em São Paulo, Festival Internacional de Cine Documental y Cortometraje de Bilbao, Festival de Cine Latino-Americano de Havana, Festival Internacional de Cine en Guadalajara. Caminhos, uma coprodução da Maquina com o SESCTV, recebeu o prêmio TAL de melhor série latino americana no DOCMONTEVIDEO, em 2013. A Maquina é a única produtora brasileira com dois curtas na plataforma The Intercept / Field of Vision.



CONTATO

MAQUINA FILMES

Heloisa Passos

Tina Hardy

maquina@maquina.pro.br

maquina.pro.br



TROMBONE COMUNICA

+55 11 3253-6185

Margô Oliveira

margo@trombonecomunica.com.br

Carol Moraes

carol@trombonecomunica.com.br

FIGA FILMS

Sandro Fiorin

sandro@figafilms.com

+1 323-229-9816

PRODUÇÃO



AGENTE DE VENDAS



FINANCIAMENTO



INCENTIVO



PROJETO REALIZADO COM O APOIO DO PROGRAMA DE APOIO E INCENTIVO À CULTURA - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA E DA PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA